

COLÉGIO OFÉLIA FONSECA

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E CHAZIT HANOAR HADROM
AMERIKAIT**

Gabriela Ades

São Paulo - SP
2020

Gabriela Ades

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E CHAZIT HANOAR HADROM AMERIKAIT

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Colégio Ofélia
Fonseca como requisito básico
para a conclusão do Ensino Médio.**

Orientador: Guilherme Gomes

São Paulo, 2020

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	5
CAPÍTULO I: Educação formal, não-formal e informal: algumas considerações	6
CAPÍTULO II: Chazit Hanoar e a educação não formal	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

RESUMO:

Esta pesquisa visa abordar os seguintes temas: educação formal, educação não-formal, educação informal e o movimento Chazit Hanoar Hadrom Amerikait. Para isso, apresenta, no primeiro capítulo, as características de cada uma das abordagens mencionadas. Num segundo momento, no capítulo dois, a história, e o funcionamento interno e externo da Chazit Hanoar Hadrom Amerikait. A Chazit Hanoar Hadrom Amerikait é um movimento juvenil judaico, sionista, educativo, apartidário e continental.

ABSTRACT

This research aims to address the topics: formal education, non-formal education, informal education and the Chazit Hanoar Hadrom Amerikait movement. For this, it presents, in the first chapter, the characteristics of each of the approaches mentioned. Secondly, in chapter two, the history, dynamics and internal and external functioning of Chazit Hanoar Hadrom Amerikait. Chazit Hanoar Hadrom Amerikait is a Jewish, Zionist, educational, non-partisan and continental youth movement.

PALAVRAS-CHAVES:

Educação formal, educação não formal, educação informal e Chazit Hanoar Hadrom Amerikait.

AGRADECIMENTOS:

Este trabalho de conclusão de curso levou tempo, coragem, concentração e contou com a ajuda de muitas pessoas, dentre as quais eu agradeço:

O meu orientador Guilherme Gomes que sem ele, sua paciência, apoio e confiança, este trabalho não iria ser o mesmo.

À minha professora Tatiane Reghini que esteve do meu lado e me ajudando a concluir a minha pesquisa.

À minha família que me deu o maior apoio e carinho nos momentos de estresse e esteve do meu lado sempre.

Aos meus amigos de sala, em específico à Teodora e à Tatiana que me ajudaram em partes e me escutaram nos momentos de angústia, e da Chazit Hanoar que sempre me apoiaram, ajudaram, escutaram e me deram conselhos.

E por fim ao Colégio Ofélia Fonseca por nos dar a chance de fazer este trabalho científico.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação não formal é aquela em que o aprendiz não está no meio dos sistemas tradicionais de ensino, como escolas, faculdades, entre outros. Este tipo de educação é praticado em instituições religiosas, organizações não governamentais etc. Os educadores podem ser jovens educandos e profissionais da área da educação.

Esse tipo de educação foi oficializada no Brasil em 1967, a partir da Conferência Sobre a Crise Mundial da Educação. Essa crise foi gerada pela necessidade do ensino público e gratuito, ou seja, uma tentativa de criar igualdade de oportunidade para a classe trabalhadora.

A educação não formal surge, assim, como uma tentativa de solucionar os problemas, em um contexto de desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, dos sistemas tradicionais de ensino. Este tipo de ensino contribuiu para a sociedade por ter implementado novos tipos de práticas educativas, que visavam dar mais abertura às classes sociais, principalmente as mais pobres e necessitadas.

Quando pensamos em educação não formal, sabemos a diferença de todos os tipos de educação? Sabemos onde são reproduzidos estes modelos e o porquê de serem reproduzidos?

Atualmente a educação não formal existe em muitos espaços, mas muitas vezes não se sabe onde. Este TCC objetiva a investigação das práticas de educação não formal e seus benefícios para a comunidade a partir do estudo de caso do movimento Chazit Hanoar.

Essa pesquisa será feita a partir de livros, pesquisas e da minha experiência com o movimento Chazit Hanoar. Para isso, será abordado no primeiro capítulo os conceitos de educação formal, não formal e informal. Uma vez apresentados os conceitos mencionados, a presente pesquisa irá aprofundar a noção de educação não formal a partir da perspectiva do movimento Chazit Hanoar Hadrom Americait.

CAPÍTULO 1

Educação formal, não-formal e informal: algumas considerações

Neste primeiro capítulo, serão abordados os conceitos de educação formal, não formal e informal. Para isso, serão utilizados como referências os seguintes trabalhos: *A questão da educação formal/não formal* de Moacir Gadotti, *Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos* de Ana Bruno e *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas* de Maria da Glória Gohn.

A educação é um direito de todo ser humano e, para que o indivíduo consiga usufruir dos direitos de uma sociedade democrática, ela é totalmente necessária. Com isso, o direito à educação está na legislação de praticamente todos os países. No Brasil um exemplo é o Estatuto da Criança e do Adolescente. Quando esse direito é negado, conseqüentemente é negado os direitos humanos fundamentais.

A educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todo ser humano como condição necessária para ele usufruir de outros direitos constituídos numa sociedade democrática. (GADOTTI, 2005)

No plano educacional, existem três tipos de práticas distintas que são exercidas: a educação formal (voltada ao sistema tradicional de ensino), a informal (voltada ao comportamento e não institucionalizada) e a não-formal (aquela que ocorre fora do sistema tradicional de ensino). Segundo Gohn, o que determina cada um destes tipos de educação é o educador, onde se educa, qual a finalidade, suas características e o que se espera.

Assim, equaciona a delimitação partindo de seis questões chave: Quem é o educador (agente do processo de construção do saber)?; Onde se educa (local/ espaço/ território); Como se educa (contexto/situação)?; Porquê (finalidades/objectivos); Quais as

características mais pertinentes?; Quais os resultados esperados?
(GOHN, 2006)

Educação formal

Segundo Gadotti, a educação formal segue uma linha na qual tem objetivos específicos, intencionais e metódicos. Ela é representada e exercida em escolas regulamentadas por lei, faculdades e universidades. Adota uma linha hierárquica, como por exemplo os professores e os alunos, com inúmeras burocracias, depende de diretrizes educacionais, como por exemplo o currículo e com conteúdos previamente demarcados. Ela tem um tempo de duração e ao final concede certificados de aprendizagem.

A educação formal prende-se a objetivos relativos ao ensino-aprendizagem, com conteúdos historicamente estruturados e muito bem definidos, pensando na formação de um cidadão ativo, tentando desenvolver habilidades e capacidades variadas como a criatividade e entre outras coisas. Isso, exige um tempo e locais específicos, pessoas especializadas em cada área, atividades sequenciais bem definidas e disciplinamento. Além disso, este conceito depreende de ambiente normatizados, com regras moldes comportamentais bem definidos anteriormente e normalmente é dividido por idade/ classe de conhecimento.

Gadotti diz que de certa forma toda educação é educação formal, pois têm suas intenções, porém cada conceito de educação segue um cenário diferente. As escolas seguem um método que é formal, sequencial e regular.

A expectativa da educação formal é que haja uma aprendizagem efetiva, o que muitas vezes não acontece. Mas além disso, um certificado que possibilita os indivíduos de chegar em um grau mais alto na sua vida.

Educação não formal

Como alternativa (ou complemento) à educação formal, há a educação não-formal, a qual, segundo La Belle (1982), todas atividades educacionais que são

exercidas e elaboradas fora do sistema formal, que disponibiliza tipos variados de ensino para a população.

Entendemos a educação não - formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese alguma ela substitui ou compete com a Educação Formal, escolar. (GOHN, 2007)

Na educação formal quem educa são os professores, já na não-formal quem educa é o “outro” (GOHN, 2006). A educação não-formal é menos hierárquica, formal, burocrática, de carácter intencional e dinâmica. Seus objetivos não são historicamente construídos e sim, organizados e construídos pelo processo interativo, o que gera um processo educativo, porém, visa a formação integral de seus indivíduos. Podendo ou não conceder um certificado ao final do processo.

Nesta abordagem, os espaços educativos são fora das escolas e universidades, ou seja, em espaços informais e interativos, exercitando a participação, interação e a troca de saberes.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 1997).

Segundo Gohn, uma das metas da educação não-formal é transmitir informações políticas e socioculturais. Com isso, prepara e capacita o ser humano para viver em uma sociedade civilizada, sem egoísmo e individualismo.

Os conteúdos da abordagem não formal, emergem desde temas que são vistos como necessários, como por exemplo, desafios ou obstáculos, até ações relacionadas à tarefas a serem realizadas. Tais conteúdos são construídos ao longo do processo, pois possuem mais flexibilidade.

A educação não formal designa um processo com inúmeras dimensões, tais como a capacidade do indivíduo para o trabalho, a capacidade de se relacionar individualmente e socialmente, a capacidade de construir uma relação com o mundo, promovendo uma leitura do mundo por meio da compreensão sobre a diferença e, com isso, aprender a conviver com respeito com os demais. É desenvolvida e aprendida “no mundo da vida” por meio do compartilhamento de experiências em lugares do cotidiano. A educação não-formal capacita os indivíduos a serem cidadãos do mundo e no mundo, abrindo portas para conhecer o mundo.

O método base deste ensino é a partir da problematização da vida cotidiana. Normalmente a participação é optativa. Para Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed, a educação não formal se refere a “componentes educacionais de programas projetados para atenderem a metas de desenvolvimento amplas, bem como a objetivos mais acadêmicos.” (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973).

Como resultado, a educação não-formal espera alcançar no indivíduo a ideia de como agir no coletivo, a interpretação do mundo por si mesmo, formação do indivíduo para a vida, não só para o mercado de trabalho.

Gohn aponta que essa abordagem é passível de alguma críticas: não são especialistas da área que educam, falta uma definição mais clara de seus objetivos e funções, falta a sistematização das metodologias usadas no trabalho do dia a dia, entre outras.

Educação informal

Por último, e menos conhecida, há a educação informal que apresenta uma outra relação com o conhecimento.

os conhecimentos não são sistematizados, são transmitidos a partir da prática e da experiência anteriores, e actua no campo das emoções e sentimentos. Assim, não são esperados resultados a priori, eles acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum dos indivíduos que orienta as suas formas de pensar e de agir espontaneamente. (GOHN, 2006)

A educação informal é aquela que os indivíduos aprendem ao longo da vida e durante seu processo de socialização, por meio de suas famílias, amigos, bairro, clubes, nos meios de comunicação e, por conta disso, criam e carregam seus valores e culturas próprias. Atua no campo das emoções e sentimentos. Diferente dos outros conceitos, os educadores deste conceito são os pais, a família num geral, os amigos, vizinhos, etc. É processo que leva toda a vida e não organizado.

(...) uma criança adquire um vocabulário substancial em casa, antes de ir à escola, uma filha aprende a cuidar de crianças e a cozinhar a partir da observação e da ajuda a sua mãe, um filho adquire competências profissionais de seu pai e crianças e adolescentes aprendem com seus pares 6. (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973, p. 10)

Os espaços educativos da educação informal não são definidos, têm seus espaços demarcados por referencia de nacionalidade, idade, sexo, religião, etnia, entre outros e ,com isso, marcados pela naturalidade dos ambientes, pois as relações sociais são definidas a partir do gosto, preferencias ou também pertencimentos herdados. Estes espaços seriam suas casas, clubes que frequenta, a rua onde mora, o bairro onde mora. A educação informal está associada ao processo de socialização do indivíduo, o desenvolvimento de hábitos, comportamentos e atitudes, modo de falar e se expressar, tudo isso segundo os espaços que pertencem.

Este processo não tem como foco conteúdos formais, mas acaba levando a compreensão de diferentes áreas do conhecimento. O método básico desse ensino é a vivência, a reprodução do conhecimento e a reprodução de experiências a partir do que é compreendido.

Na educação informal a ação educativa, diferente das outras abordagens, não é traçada anteriormente. É algo mais aberto ao indivíduo, pois é dependente da iniciativa do mesmo que é quem toma as decisões.

Não se espera resultados imediatos da educação informal, pois simplesmente acontecem por meio do desenvolvimento do senso comum dos indivíduos. Tais sentidos possibilitam o indivíduo a pensar e agir espontaneamente.

Neste capítulo foram apresentados três modelos de educação: formal, não-formal e informal, sendo a formal sistematizada; a não formal que é construída pelo processo interativo e visa a formação integral dos educandos; e a informal não institucionalizada. No segundo capítulo, será abordada a relação do movimento Chazit Hanoar com a educação não-formal.

CAPÍTULO 2

Chazit Hanoar e a educação não formal

Este capítulo tratará da educação não formal e a experiência da Chazit Hanoar. Apresentará sua formação desde sua origem até os dias atuais incluindo sua estrutura interna e externa.

A Chazit Hanoar Hadrom Americait (Frente Juvenil da América do Sul) é um movimento juvenil judaico, sionista, educativo, apartidário e continental. É um grupo de jovens judeus cujo objetivo principal é transmitir valores judaicos e sionistas aos chanichim (jovens educandos), de forma divertida e descontraída. A concepção educativa da Chazit Hanoar consiste em

(...) um movimento juvenil educativo, procuramos transmitir nossos ideais através da educação não formal do jovem pelo jovem. Os líderes do nosso movimento têm como objetivo formar novos líderes para que este ciclo não se quebre, visando sempre a identificação do jovem com nossa ideologia. A estrutura do movimento é organizada em grupos etários, possibilitando assim uma vivência grupal e que a liderança jamais esteja concentrada nas mãos de uma única pessoa. Ressaltamos ainda que nosso trabalho é voluntário¹.

Em 1958/59 começa a amadurecer a ideia, até então formada exclusivamente pelo Setor “A” (escoteiros e bandeirantes), de que haveria de se estruturar a sua juventude não somente nos moldes até então existentes. Com a orientação de David Sztulman (z'l) e a participação de jovens de 14 a 18 anos, formou-se o chamado Setor “B”, ainda com direção provisória – Grêmio Juvenil Educativo, integrado no Departamento de Juventude da CIP.

O chamado Setor “B” funcionou durante os primeiros seis meses (1959) como um grêmio de atividades gerais, mas após um certo amadurecimento de seus

¹ <http://chazit.com/chadash/assets/margo/base.php?p=quemsomos>

dirigentes, tornou-se claro que não havia possibilidade para a realização de atividades entre 120 jovens, sem organizar os menores em grupos. Assim, a nova diretoria resolveu proceder à divisão, sendo essa feita na base de idades e de centro comum de interesses, por exemplo, jovens que já estudaram juntos em Campos de Estudos ou Ensino Religioso.

Em 1960/61, o Setor “B” sofreu uma evidente transformação, passando de um grêmio de atividades gerais para um movimento juvenil educativo judaico, adotando o nome de “Lehava”. Nesta época é feito um seminário nacional em Campos do Jordão, com participantes de São Paulo, Rio de Janeiro (jovens da ARI), Rio Grande do Sul (jovens da Sibra), com o intuito de filiarem-se a um movimento juvenil sionista apartidário, das diversas comunidades de origem centro-europeia da América do Sul (Central).

No Brasil, após longos e intensos debates sobre sua filiação, simbologia, linha ideológica e modo de atuação, cria-se a Chazit Hanoar. Uma Maskirut Central – Secretaria Central Nacional – é criada com centro em São Paulo. A dinâmica interna do movimento se fixou em uma direção composta de Madrichim (monitores) das Kvutzot (grupos) e das Shichavot (etapas de idade) e de uma Diretoria.

Iniciando seu objetivo educativo aos doze anos, a Chazit Hanoar se estabeleceu definitivamente como um movimento que valoriza a coeducação. Nesta época contava com 315 jovens. Posteriormente foram criados cursos para a formação de madrichim e a primeira vaga para o Machon L'Madrichim Chutz LaAretz (um encontro de jovens em Jerusalém de diferentes movimentos juvenis sionistas, tuat noar, que educam e fortalecem a liderança juvenil, focada em Israel e no sionismo) é obtida e preenchida (1962). De lá para frente, a cada ano são enviados madrichim para o “Machon”, encontro de jovens sionistas que ocorre em Israel, com a Kvutzá (grupos) Sul-Americana da Chazit.

Em 1966, os integrantes do movimento sentiram a necessidade de reduzir a idade mínima das kvutzot. Surgem os Solelim, kvutzot (grupos) para jovens a partir de sete anos. Uma das grandes e constantes preocupações da direção do movimento era dar conteúdo judaico autêntico às kvutzot. Para isso reuniam-se regularmente os madrichim para estudo, análise, crítica e criação de material. A

tnuá (movimento juvenil) preenche nesta época uma lacuna na comunidade judaica de São Paulo.

Ao longo do tempo, os jovens são trazidos pelos pais ou por amigos e o movimento vai crescendo, atingindo 1200 chaverim, sendo a maior tnuá (movimento juvenil) de São Paulo e do Brasil. Nesta época, começam as primeiras Aliot (mudança de judeus do mundo para Israel) individuais de chaverim, que irão prolongar-se até os dias de hoje.

Com a saída e partida para a Aliá (mudança de judeus do mundo para Israel) do casal Sztulman, que durante esses anos marcaram com sua presença o trabalho do movimento, sucedeu-se uma reorganização que levou os jovens a assumir a responsabilidade e direcionamento do movimento.

Em 1990 a Chazit passa por uma nova etapa, a abertura da tnuá (movimento juvenil) para a comunidade, sendo um dos grandes responsáveis pelo ato de solidariedade a Israel na Guerra do Golfo.

No início de 1992, é concluída a reforma da Casa da Juventude. Junto a essa há uma maior aproximação com a Avandava (outro movimento juvenil judaico) e com a CIP, onde muitos de nossos chaverim trabalham principalmente na área educativa.

Atualmente, a Chazit São Paulo atrai por sábado de peulá (atividade) em média 120 chanichim, realiza duas machanot por ano (kaitz e choref), manda seus peilim para o Shnat Hachshará (programa de um ano em Israel que visa capacitar os madrichim da Chazit) e mantém fortes laços com a Chazit Continental (São Paulo, Rio de Janeiro, POA e Montevideú). Os chaverim realizam atividades em parceria com a CIP, mas mantêm sua independência. Nos últimos anos a Chazit tem crescido tanto em número de chaverim quanto em qualidade de peulot e discussões chinuchiot (educativas). O movimento procura transmitir os seus ideais a partir da educação não formal do jovem pelo jovem, isto é, jovens educandos e jovens que educam.

Durante a vida dentro de uma tnuá (movimento juvenil) é desenvolvido um espírito de grupo, liderança, responsabilidade, além de serem fortalecidas as raízes com a comunidade de uma maneira ativa e participativa.

A partir de todo o seu processo de criação, foi definida a ideologia do movimento. O mesmo visa alcançar em Israel uma sociedade baseada nos conceitos de Respeito, Liberdade, Justiça Social e Consciência Ambiental, que atue constantemente por sua melhoria e sirva de exemplo para o mundo. Além disso, assegurar a existência e continuidade de um povo judeu consciente de sua identidade. Outro ponto de sua ideologia é a sua missão, no qual, através da educação não formal, busca jovens líderes que atuem racionalmente com os valores e objetivos do movimento, que através de uma análise própria consigam estabelecer sua identidade.

As decisões do movimento são tomadas por seus peilim (“monitores”) do mesmo, em um marco obrigatório (hanala). Além disso, para que o movimento siga em frente, o mesmo tem 4 cargos principais para sua organização, tanto interna quanto externa (para a comunidade), o Rosh (cabeça) Chinuch (educação) responsável pela parte educativa do movimento, o Mazkir (secretário) o responsável geral das comunicações internas e externas interinstitucionais, o Rosh Vaadot (diretor de trabalho), responsável pela parte logística do movimento e pelas comissões de trabalho e o Guizbar (tesoureiro) responsável por centralizar a parte de tesouraria, financeira e eventos. Esse grupo de pessoas é chamado de Hanaga (liderança).

Existem 3 marcos fixos: a Chinuch (educação) que é um grupo de pessoas que discute a educação e capacitação da Chazit, a Guizbarut que também é um grupo de pessoas mas que cuida do dinheiro e a Hanala já citada acima.

Todos os sábados, os chanichim, separados por idades, participam de atividades durante a tarde. Através dessas atividades (peulót), o movimento pretende passar informações que envolvem temas como judaísmo e atualidades de um modo descontraído. Ao ser submetido a uma educação não formal, o jovem passa a ter um maior contato com os valores da cultura judaica de uma maneira prazerosa e divertida. Tal forma de abordagem costuma conquistar o chanich que conseqüentemente acaba se tornando um frequentador assíduo da Chazit.

As atividades realizadas pertencem ao campo da educação não formal, pois além de não ser institucionalizada, a Chazit possibilita a formação do indivíduo de uma

forma integral, com atividades descontraídas, formativas, levando os chanichim (educandos) a aderirem à proposta com prazer. Outro elemento da educação não-formal presente na Chazit é o fato das atividades (peulot) serem realizadas em espaços informais e interativos, como por exemplo o Parque Trianon, na sede da Chazit, entre outros espaços que sejam fora da escola.

Através da educação não formal buscamos formar jovens líderes que atuem coerentemente com os valores e objetivos de nosso movimento, que mediante uma análise própria possam definir sua identidade e com ela estabelecer um compromisso de ação para que posteriormente, através da aliá, se responsabilizem pelo futuro e desenvolvimento de Medinat Israel. Além disso, cabe a Chazit Hanoar ser um movimento que proporcione um marco judaico sionista e comprometido a atuar e transformar a realidade a sua volta².

As peulot (atividades) são planejadas antes dos sábados por grupos menores de madrichim. Os temas são pensados a partir das demandas dos chanichim e daquilo que os madrichim acham necessário passar. Para as atividades serem criadas, são pensados os objetivos e sua pertinência na dinâmica, sendo ela na sede da Chazit ou áreas externas. Logo ao final da atividade temos a sichá (?) para refletirmos e discutirmos sobre a dinâmica dada.

Neste capítulo foi abordada a história da Chazit Hanoar Hadrom Amerikait, um movimento juvenil judaico, sionista que se utiliza da educação não-formal para refletir sobre temas relacionados ao judaísmo e sionismo, tais como a identidade judaica, temas da atualidade, política, ética, entre outros. Tais atividades possibilitam aos chanichim (educandos) o desenvolvimento de um senso crítico e analítico do mundo, fazendo com que eles sejam atores transformadores da realidade.

² <http://chazit.com/chadash/assets/margo/base.php?p=ideologia>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reflexões apresentadas neste trabalho, procurou-se analisar as características de cada uma das abordagens educacionais apresentadas, dentre elas: educação formal, não-formal e informal. Também foi analisada a relação entre a educação não formal e o movimento Chazit Hanoar Hadrom Amerikait.

Por meio dessa pesquisa, podemos entender que a educação formal é aquela que é institucionalizada, ou seja, em escola, universidades e faculdades (sistemas tradicionais de ensino). Além disso, este conceito é mais burocrático.

A educação não-formal é aquela que ocorre fora dos ambientes tradicionais de ensino. A mesma é menos burocrática, dinâmica e menos hierárquica.

Por fim a educação informal é aquela que se aprende ao longo da vida, por meio de suas famílias, amigos, vizinhos etc. Ela ocorre em lugares do cotidiano, como por exemplo clubes, bairros, suas casa, entre outros espaços.

No capítulo dois foi apresentado o movimento Chazit Hanoar Hadrom Amerikait: um movimento juvenil judaico, sionista, educativo, apartidário e continental. É um grupo de jovens educandos, no qual, seu maior objetivo é fazer com que esses jovens terminem o seu ciclo na tnuá (movimento juvenil), em seguida fazer aliá e continuar ativando pela tnuá em Medinat Israel (Terra de Israel).

As atividades desse movimento acontecem aos sábados e nas férias (julho e dezembro) acontecem as machanot (acampamento) de uma semana. São dinâmicas descontraídas e divertidas, pensadas antes dos sábados a partir das demandas de cada um dos grupos de chanichim (educando). O movimento se utiliza da educação não-formal para transmitir valores judaicos e sionistas, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico analítico dos chanichim.

6. Referências bibliográficas:

BRUNO, Ana. *Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos*. Disponível em: http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/68/pdf_28.

Acesso em: 8 nov. 2020.

BIANCONI, M. Lucia e CARUSO, Francisco. *Apresentação Educação Não-Formal Cienc. Cult. vol.57 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2005*. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013. Acesso em: 29 nov. 2019.

<http://www.chazit.com/novo/base.php?p=inicio>

FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acesso em: 8 nov. 2020.

GADOTTI, Moacir. *A Questão da Educação Formal/ Não Formal Institut International Des Droits De L'Enfant (Ide) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005*. Disponível em: http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acesso em: 29 nov. 2019.

HERINGER, Rodrigo C. *Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal*. Disponível em: <file:///Users/user/Downloads/4578-23707-1-PB.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2020.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-40362006000100003&script=sci_arttext.

Acesso em: 8 nov. 2020.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal na pedagogia social An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.* Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 29 nov. 2019.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos.* Disponível em:

<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4/4>. Acesso em: 29 nov. 2019.

FÁVERO, Osmar. *Educação Não-Formal: contextos, percursos e sujeitos Educ. Soc. vol.28 no.99 Campinas May/Aug. 2007.* Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000200017&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 29 nov. 2019.

JACOBUCCI, Daniela F C. *Contribuições dos espaços Não-Formais de Educação para a formação da cultura científica Non-formal educational spaces contributions to the scientific culture formation.* Disponível em: [Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica](#). Acesso em: 29 nov. 2019.

SPOSIT, Marília P. *Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal.* Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227052007.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

VIEIRA, Valéria; BIACONI, M. Lucia e DIA, Monique. *Espaços Não-Formais de ensino e o currículo de ciências Cienc. Cult. vol.57 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2005.*

Disponível

em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400014. Acesso em: 29 nov. 2019.

